

O FENÔMENO DA RECATEGORIZAÇÃO EM POSTAGENS DO FACEBOOK

Francisco Romário Paz Carvalho (UESPI)

f.mariopc@yahoo.com.br

Silvana Maria Calixto de Lima (UESPI)

RESUMO

Este trabalho se inscreve no quadro teórico da linguística de texto, especificamente trata do fenômeno da recategorização no processo de referenciação e procura analisar a ocorrência de recategorizações em postagens do *facebook*. Dessa forma, procuramos demonstrar que tais ocorrências são responsáveis pelo efeito cômico das postagens. Destacamos casos de recategorizações metafóricas, ou seja, de recategorizações licenciadas por metáforas e nesses casos específicos argumentamos em favor das hipóteses elencadas por Lima (2003; 2009) que versam em prol de uma interface entre a linguística de texto e a linguística cognitiva para explicar em um maior nível de descrição o fenômeno da recategorização. Pautamo-nos teoricamente nas discussões sobre recategorização lexical suscitada por Apothélos e Reichler-Béguelin (1995) e no conceito de recategorização metafórica postulado por Lima (2003; 2009). Além disso, para contextualizar nossa pesquisa, dialogaremos com os pressupostos teóricos que adotam a referenciação como objeto de estudo a exemplo de Cavalcante (2003, 2013), Ciulla e Silva (2008), Mondada e Dubois (1995), dentre outros. Os resultados revelam que a recategorização é responsável pelo efeito humorístico nas postagens e o reconhecimento de tal fenômeno linguístico proporciona a construção de sentido.

Palavras-chave: Recategorização. Referenciação. *Facebook*.

1. Introdução

O ato de referir tem despertado a atenção de diversas áreas, a linguística, filosofia da linguagem, semiótica, psicologia cognitiva, cada uma aborda a referência ancoradas em uma teoria. Nos estudos sobre a referência, Silva (2013) destaca que prevalece duas tendências: de um lado, temos os estudiosos que defendem a ideia segundo a qual a língua não é um "sistema de etiquetas" que tem por função ajustar-se aos objetos, ou seja, não há uma relação direta entre as palavras e o mundo, melhor dizendo, as palavras não possuem um sentido que lhes é imanente.

Do outro lado da moeda, destacam-se os estudiosos que defendem o pressuposto de que a linguagem tem por função descrever e representar a realidade e que as palavras possuem sentido preciso.

Os estudos em linguística textual assumem a primeira tendência, abordando a referência numa perspectiva não-extensional, que considera os referentes (objetos de discurso) não como dados *a priori*, mas construídos *no* e *pelo* discurso. A segunda tendência, como descrita acima, é tida como uma concepção clássica da abordagem da referência por restringir-se a uma visão representacionalista da língua. Tal perspectiva “nem de longe alcança a plasticidade da língua na perspectiva hoje abarcada pela linguística textual” (FELTES; LIMA, 2013, p. 31).

Neste estudo, assumimos que todo referente é evolutivo, de vez que seu estatuto informacional está sempre se modificando na memória discursiva dos interlocutores (CAVALCANTE, 2004). Apothéloz e Reichler-Béguelin (1995) descrevem a recategorização como um recurso referencial em que uma entidade já introduzida no universo do discurso sofre transformações que são perceptíveis pelo emprego de expressões referenciais renomeadoras, ou seja, são constantemente recategorizadas.

A proposta empreendida pelos referidos autores não está isenta de críticas (LIMA, 2009). Pensando nisso, nosso objetivo, neste artigo é investigar como se dá o fenômeno de recategorização em postagens do *facebook*. Dessa forma, procuramos demonstrar que tais ocorrências são responsáveis pelo efeito cômico das postagens. Para tanto, analisamos um corpus constituído por onze postagens nas quais esse tipo de ocorrência se faz presente.

A pesquisa encontra-se metodologicamente estruturada em três momentos: um primeiro em que apresentamos a visão pioneira nos estudos sobre a recategorização lexical proposta por Apothéloz e Reichler-Béguelin (1995); um segundo momento, em que apresentamos os postulados da recategorização metafórica (LIMA, 2003; 2009); um terceiro momento, em que procedemos a seleção e análise qualitativa dos dados.

2. A visão pioneira da recategorização

O pontapé inicial no estudo da recategorização foi dado por Denis Apothéloz e M. J. Béguelin. Em 1995, no artigo intitulado “*Construction de la référence et stratégies de désignatio*”, os autores adotam a concepção de referência não extensional ou *referenciação*, nas palavras de

Mondada e Dubois (1995). Apothéloz e Reichler-Béguelin (1995) conceituam a recategorização lexical como o processo pelo qual os "falantes designam os referentes, durante a construção do discurso, selecionando a expressão referencial mais adequada a seus propósitos" (LIMA, 2003, p. 59). Para eles, a recategorização é, pois, uma estratégia de designação em que os referentes (objetos de discurso) podem ser reapresentados/remodulados a partir do momento da enunciação. Dessa maneira, um falante pode, na designação de um referente, deixar de lado a sua denominação-padrão e dependendo das suas necessidades comunicativas fazer adequações à expressão por um processo de recategorização lexical.

O trabalho desenvolvido pelos autores propõe uma sistematização do fenômeno da recategorização lexical a partir do tipo de manifestação das expressões anafóricas⁶³. Segundo eles, as expressões anafóricas não possuem apenas valor referencial, assim sendo, as anáforas podem apontar tanto para um objeto de discurso, como também pode modificá-lo. Em outras palavras, essas expressões sofrem constantes recategorizações.

Na proposta de classificação, os autores franco-suíços advertem sobre a existência de três níveis de ocorrência das recategorizações lexicais, são elas:

- a) quando há uma transformação do objeto de discurso no momento da designação anafórica;
- b) quando a expressão anafórica não leva em conta os atributos do objeto predicado anteriormente;
- c) quando a expressão referencial anafórica homologa os atributos do objeto explicitamente predicados.⁶⁴

O primeiro nível, refere-se a casos de recategorizações em que os referentes sofrem uma transformação operada pelo anafórico sem que haja a retomada de nenhum atributo expresso anteriormente e "sem que se

⁶³ É evidente, como já salientamos, que os autores trabalham com um conceito de anáfora que se enquadra numa visão não intensional da referência. Ver mais sobre esse conceito de anáfora redimensionado em Ciulla (2002).

⁶⁴ É importante salientar que, no trabalho desenvolvido por Cavalcante (2000), a autora analisando esses três níveis, sugere que sejam reduzidos em apenas dois. Segundo ela, "Melhor seria dispor o primeiro item como oposto aos dois últimos, pois, enquanto em *a*, o anafórico mesmo empreende a transformação, nos outros dois a recategorização já se processou, e a expressão referencial apenas a revela, sob duas condições: ou não considerando os atributos do referente (como em *b*), ou levando-os em conta (como em *c*)" (CAVALCANTE, 2000, p. 150).

estabeleça nenhuma relação com as modificações que possam ter sido por eles sofridas" (LIMA, 2009, p. 31). É o que ocorre no exemplo (1) abaixo, apresentado pelos autores, em que o referente *ele* (motorista) é recategorizado como *este recidivista*, mas não há nenhuma informação fornecida anteriormente que nos comprove que a ação do motorista era reincidente.

- (1) [Artigo relatando o julgamento de um motorista responsável por um acidente] Ele reconhece ter rodado bêbado (...) O tribunal de correção infligiu ontem uma pena de reclusão a *este recidivista*. (APOTHÉLOZ; REICHLER-BÉGUELIN, 1995, p. 247, *apud* LIMA, 2009, p. 31)

Nesse exemplo, a expressão referencial *este recidivista* além de representar a referência propriamente dita, exercendo a função de anafórico, fornece uma informação nova, por meio da recategorização lexical do referente *ele*. Para Apothéloz e Reichler-Béguelin (1995) as recategorizações operadas pelo anafórico podem ser: *explícita*, *implícita* ou *por modificação na extensão do objeto denotado*.

A recategorização lexical explícita consiste, numa predicação de atributo sobre um objeto de discurso. O exemplo (1) acima, relata um caso típico dessa ocorrência de recategorização. Segundo os autores, as recategorizações lexicais explícitas podem exercer diversas funções discursivas, a saber⁶⁵: a de *argumentação*, a de *denominação reportada*, *aspectualização* e a de *sobremarcação da estrutura discursiva*.⁶⁶

A recategorização lexical implícita, segundo os autores, é manifestada exclusivamente pelo uso de pronomes e se "verifica quando o gênero gramatical do pronome anafórico não coincide com o modo como o antecedente foi apresentado no discurso" (CAVALCANTE, 2004, p. 02), esse tipo de recategorização muito se assemelha ao que a gramática tradicional trata como casos de silepse de gênero. O exemplo (2) abaixo ilustra bem esse tipo de recategorização:

- (2) (Depois de uma informação sobre a hospitalização de Madre Teresa) O prêmio Nobel da paz deverá voltar para a casa *dela* este fim de semana. (APOTHÉLOZ; REICHLER-BÉGUELIN, 1995, p. 254 *apud* LIMA, 2003, p. 61)

Percebemos no exemplo (2) acima, que há uma recategorização

⁶⁵ Por economia não faremos uma análise minuciosa dessas funções.

⁶⁶ Segundo Tavares (2003) todos esses subtipos desempenham uma função tipicamente argumentativa, não se fazendo necessário uma subdivisão de "função argumentativa".

lexical implícita⁶⁷ da expressão “O prêmio Nobel da paz”, marcada pelo pronome *ela* (*dela*) e nesse caso, no dizer de Lima (2003) o gênero gramatical é evitado para não causar estranheza, em face da não correspondência entre o gênero gramatical e o gênero natural.

Segundo Lima (2009) na visão de Apothéloz e Reichler-Béguelin (1995) as recategorizações por modificação na extensão do objeto denotado, nem sempre implicam uma recategorização lexical, deixando mais ou menos intacta a categorização lexical. Essas transformações, no dizer dos autores, podem ser por “Abandono de determinações; passagem para um nível metalinguístico; metonimização; fragmentação do objeto de discurso; e fusão de objetos de discurso”⁶⁸.

Retornando ao nível de ocorrência das recategorizações lexicais, a segunda situação descrita pelos autores, “quando a expressão anafórica não leva em conta os atributos do objeto predicado anteriormente”, versa sobre casos em que o objeto de discurso é recategorizado por meio de uma predicação, porém o anafórico não expressa essas modificações. À guisa de ilustração, o exemplo (3) retrata bem esse nível de ocorrência, em que o referente *a ostra*, de designação feminina, é recategorizado como “um mundo obstinadamente fechado”, atributo masculino. Em seguida, o mesmo referente (*a ostra*) é retomado por dois anafóricos de designação feminina, desprezando, pois, a recategorização anteriormente lexicalizada.

- (3) A ostra, da grossura de um calhau médio, é de uma aparência muito enrugada (...). É um mundo obstinadamente fechado. Mas pode-se abri-la; é preciso tê-la no oco de um esfregão. (APOTHÉLOZ; REICHLER-BÉGUELIN, 1995, p. 261, *apud* LIMA, 2009, p. 31)

Por fim, o último nível, apresentado por Apothéloz e Reichler-Béguelin (1995), versa sobre os de casos recategorização em que “um anafórico ulterior homologa as diversas transformações sofridas pelo objeto de discurso, sendo essas transformações decorrentes da predicação de um ou mais atributos” (LIMA, 2009, p. 31). O clássico exemplo (4) de Apothéloz e Reichler-Béguelin (1995), retrata bem esse último nível, vejamos:

⁶⁷ Apothéloz e Reichler-Béguelin (1995) advertem que as recategorizações lexicais implícitas podem ser usadas com diferentes funções, são elas: i) Redução de uma ambiguidade referencial; ii) motivação de gênero gramatical; e iii) indicação de uma conotação particular.

⁶⁸ Ver uma análise mais detalhada em Lima (2009).

- (4) Um rapaz suspeito de ter desviado uma linha telefônica foi interrogado há alguns dias pela polícia de Paris. Ele havia 'utilizado' a linha de seus vizinhos para fazer ligações para os Estados Unidos em um montante de aproximadamente 50000 francos. *O tagarela...* (APOTHÉLOZ; REICHLER-BÉGUELIN, 1995, p. 262, *apud* LIMA, 2011, p. 178)

Percebemos no exemplo (4) acima que, a expressão *o tagarela* possui uma dupla função: o termo tanto representa a referência propriamente dita como recategoriza o referente “um rapaz”. Essa recategorização também fornece uma informação nova, carregando consigo o julgamento do interlocutor acerca do ato cometido (desvio e uso abusivo da linha telefônica dos vizinhos). Conforme Lima (2009) o lexema *tagarela* homologa as informações recentes veiculadas a propósito do objeto de discurso recategorizado, mas como bem ressalva a autora, Apothéloz e Reichler-Béguelin (1995) deixam a desejar em sua proposta de classificação, talvez, segundo ela, pela concepção reducionista assumida pelos autores, encarando o fenômeno numa visão textual-discursiva. Dessa forma, os autores colocam em escanteio elementos que se encontram subjacentes a materialidade textual.

Acreditamos que encarar o fenômeno da recategorização sob uma perspectiva textual-discursiva, não alcança toda a sua complexidade, devendo-se, pois, segundo adverte Lima (2003, 2009, 2013), levar em consideração aspectos cognitivos que lhes são inerentes. Seguindo os pressupostos teóricos da autora, assumimos em nosso estudo uma visão mais ampla do fenômeno da recategorização, de forma particular, nos chama atenção na análise de nosso corpus, casos de recategorizações metafóricas, tema que será discutido na seção seguinte.

3. *As recategorizações metafóricas: algumas considerações sobre o fenômeno*

Antes de navegarmos nas ondas da recategorização metafórica é importante ressaltarmos que, embora julgamos necessário uma visão mais ampla desse fenômeno, tal posicionamento não implica encarar a classificação proposta por Apothéloz e Reichler-Béguelin (1995) como algo de natureza supérflua, ao passo que a classificação desenvolvida pelos referidos autores tem servido de norte para vários estudos.

Segundo a proposta dos autores, a metáfora está incluída dentro da *argumentação*, um dos subtipos da recategorização lexical explícita. Na visão deles, ao realizar uma recategorização com um propósito argumentativo, a expressão recategorizadora pode ser licenciada por uma me-

táfora. Entretanto, no dizer de Lima (2003) o que faltou aos autores foi a percepção de que as recategorizações metafóricas podem ocorrer de forma implícita. Isso não significa a negação por parte dos autores de casos de recategorizações implícitas, porém como esclarecemos no item acima, esse tipo de ocorrência fica restrito a recategorizações seguidas de pronominalizações, o que na gramática tradicional conhecemos como casos de silepses. Veremos mais adiante, que o que se apresenta como novo em relação a classificação dos autores franco-suíços, é a ocorrência de recategorizações perceptíveis exclusivamente num nível cognitivo.

Como dito antes, muito embora a proposta adotada por Apothéloz e Reichler-Béguelin (1995) seja a pioneira em tentar uma sistematização para o fenômeno da recategorização "a mesma não está isenta de críticas" (LIMA, 2003, p. 60). A autora mesmo reconhecendo a importância do trabalho desenvolvido pelos autores, adverte que ao tratar o fenômeno apenas numa perspectiva textual-discursiva, Apothéloz e Reichler-Béguelin (1995) acabam por focalizar apenas os aspectos textuais desse processo, esquecendo-se os de ordem cognitiva que estão imbricados no fenômeno. Lima (2009) pontua:

Para nós, esse processo é muito mais amplo que o quadro apresentado na proposta de Apothéloz e Reichler-Béguelin (1995), sendo que o próprio termo "Recategorização lexical" já é, em certa medida, reducionista, ao apontar somente para a dimensão textual do fenômeno. Dessa forma, na concepção dos autores, seria impróprio pensar em ocorrências de recategorizações ancoradas em referentes construídos ou inferidos fora da materialidade textual. Partimos, porém, do pressuposto de que o processo de recategorização não necessariamente se homologa por uma relação explícita entre um item lexical e uma expressão recategorizadora na superfície textual, estando a sua (re)construção, em maior ou menor grau, sempre condicionada pela ativação de elementos inferidos do plano contextual[...] (LIMA, 2009, p. 40)

Em Lima (2003; 2009) e Feltes e Lima (2013), a autora vem propondo um conceito mais amplo do fenômeno. No exemplo (5) a seguir, Lima (2003) retira a prova dos nove, argumentando que a recategorização do referente "sogra como bruxa" não se homologa explicitamente no cotexto, mas segundo ela, pode ser (re)construída pelas pistas co(n)textuais, que evocam principalmente, o conhecimento de mundo compartilhado de que bruxas voam sobre vassouras.

- (5) Um amigo conta pro outro:
– Minha sogra caiu do céu!
– Ela é maneira assim mesmo?
– Não, a vassoura quebrou quando ela voava sobre minha casa. (LIMA, 2003, p. 111)

O mesmo acontece em (6), onde evidenciamos a recategorização metafórica do referente "professora como vaca". Reiteramos que a percepção da recategorização só é possível graças ao nosso conhecimento compartilhado de que professores passam atividades para casa. Observa-se, nesse exemplo que a comicidade é desencadeada a partir da metáfora "PESSOAS SÃO ANIMAIS IRRACIONAIS", nesse caso específico, temos uma anáfora direta correferencial, recategorizadora por metáfora em que o referente Joãozinho retoma por um processo de recategorização lexical implícita o referente professora (Pra nos passar dever de casa) e não o referente vaca como se esperava. A quebra de expectativa é que é responsável pela comicidade.

(6) Na escola a professora falava dos animais, ela pergunta:

- Para que serve a ovelha, Marcinha?
- Pra nos dar a lã, fessora.
- E para que serve a galinha, Marquinhos?
- Pra nos dar ovos, professora.

E ela pergunta pro Joãozinho:

- E para que serve a vaca, Joãozinho?
- Pra nos passar dever de casa.

(Disponível em: <http://www.piadasnet.com/piada890joaozinho.htm>)

Na ótica de Lima (2003) há dois tipos de recategorizações metafórica:

- i) Recategorização metafórica manifestada lexicalmente;
- ii) Recategorização metafórica não manifestada lexicalmente.

O primeiro diz respeito a retomada de um referente em que o item lexical recategorizador está materializado na superfície textual, não sendo difícil a reconstrução desse referente, vejamos o exemplo (7) a seguir:

(7) Conversa de bar. Um cara pergunta pro outro:

- Quem é melhor pra ter como esposa: uma mulher feia mas fiel, ou bonita mas puta?
- Melhor comer bolo em grupo do que merda sozinho. (LIMA, 2003, p. 120)

Percebemos no exemplo acima que, a expressão "mulher bonita" é recategorizada metaforicamente como "bolo" e "mulher feia" é recategorizada como "merda". Nesse caso, a recategorização manifestada lexicalmente corrobora para a compreensão imediata da piada, poupando do leitor maiores esforços para a produção de sentidos. Esse primeiro tipo não apresenta, "maiores dificuldades em termos de ajustes em relação à classificação de Apothélos e Reichler-Béguelin (1995)". (LIMA, 2003, p. 34)

O segundo tipo diz respeito aos casos em que a expressão recategorizadora não aparece explicitamente na superfície textual, ficando, segundo Lima (2009), a sua (re)construção na dependência das inferências geradas a partir das pistas co(n)textuais, o exemplo em (5) retrata bem esse tipo de recategorização, ao passo que a recategorização metafórica transborda o nível da materialidade textual. Para uma melhor exemplificação vejamos o exemplo (8) a seguir:

- (8) Um antropólogo vai visitar uma aldeia no meio da floresta amazônica.
– Como você chegou até aqui? _ pergunta-lhe uma índia, curiosa.
– Eu vim de helicóptero!
– Helicóptero?! O que é isso?
Ele tenta explicar de uma maneira bem simples:
– É um negócio que levanta sozinho...
– Ah! Eu sei... meu marido tem um helicóptero enorme. (LIMA, 2003, p. 115)

No exemplo (7) acima, ocorre a recategorização metafórica de "helicóptero como genitália masculina". Diante do exposto, é possível registrarmos que há ocorrência de recategorizações que se processam unicamente num nível cognitivo, não deixando transparecer nenhuma marca lexical explícita homologada na superfície textual. Conforme vem defendendo Lima (2003; 2009) para uma melhor explicação do processo de recategorização é indispensável um intercâmbio entre a linguística de texto e a linguística cognitiva, segundo ela, a inserção do nível cognitivo permite um maior poder descritivo e explanatório desse fenômeno. Nos exemplos (5) e (7) o reconhecimento da recategorização de "sogra como bruxa" e "helicóptero como órgão genital masculino" só é possível graças a essa interface.

Frente as considerações feitas até aqui, que apontam para a necessidade de um (re)dimensionamento da concepção de recategorização, compreendemos, que esse fenômeno linguístico se caracteriza, conforme versa Lima (2009):

- i) a recategorização nem sempre pode ser reconstruída diretamente no nível textual-discursivo, não se configurando apenas pela remissão ou retomada de itens lexicais; ii) em se admitindo (i), a recategorização deve, em alguns casos, ser (re)construída pela evocação de elementos radicados num nível cognitivo, mas sempre sinalizados por pistas linguísticas, para evitar-se extrapolações interpretativas; iii) em decorrência de (ii), a recategorização pode ter diferentes graus de explicitude e implicar, necessariamente, processo inferenciais. (LIMA, 2009, p. 56)

Após essa argamassa de conceitos, passemos agora para a análise da ocorrência de recategorizações em postagens do *facebook*, conforme o

objetivo proposto para este estudo, demonstrarmos que tais ocorrências são responsáveis pelo efeito humorístico nas postagens.

4. *Análise dos dados*

Antes de mais nada, é necessário caracterizar o *corpus* da pesquisa. Os avanços tecnológicos proporcionaram a criação de diferentes mecanismos de comunicação, dentre eles as redes sociais figuram como febre entre as pessoas de todo o mundo. O *facebook* é uma das redes sociais que mais possui adeptos, pela vantagem de se fazer novas amizades, ter acesso a outras culturas e é claro, comunicar-se com mais agilidade.

Nosso *corpus* é constituído por postagens selecionadas em diferentes perfis⁶⁹. A seguir, apresentamos as recategorizações que são mais frequentes, chamando atenção para os casos de recategorização metafórica. Inicialmente, para uma melhor compreensão do fenômeno, colocamos em evidência casos de recategorizações lexicais.

Texto I:

Mônica M.

Na escola me dou superbém com minhas amigas. As demais alunas nem dou muita importância [...] tem uma tal de Jéssica [...] *a rapariga* enche o saco.

Como podemos notar, as redes sociais em especial o *facebook* funciona como uma forma de diário para os internautas. Cada usuário coloca em suas postagens o seu dia-a-dia, demonstrando sempre amor, companheirismo ou o lado extremo, repulsa, raiva, como é o caso do

Texto I.

Na postagem acima temos a recategorização lexical do referente Jéssica como “a rapariga”. O caso acima é um típico exemplo de recategorização lexical por meio de anáfora direta correferencial. A (re)construção do referente Jéssica se dá por meio de uma expressão nominal precedida de artigo definido “a rapariga”.

⁶⁹ Visando preservar a identidade dos perfis analisados iremos colocar apenas o primeiro nome seguido da letra inicial do sobrenome.

Texto II:

Éric M.

Allyson M. vê se aparece láh em casa hj. Viu cabeçaço [...]

Com o advento das redes sociais, as relações pessoais se modificaram bastante. No cotidiano, não precisamos mais enviar os famosos SMS para a pessoa aparecer, basta deixar uma mensagem no facebook, ou então, “chamar no whatsapp”. Na postagem acima temos a marcação do referente “Allysson M.” e em seguida esse mesmo referente é recategorizado por meio da expressão nominal “cabeçaço”. Assim como no **Texto I**, o **Texto II** é um típico exemplo de anáfora direta correferencial.

Passemos, agora, para a análise dos casos de recategorizações metafóricas. Como visto nos exemplos acima, tivemos casos de recategorizações em que tínhamos a introdução do referente e esse referente era recategorizado por meio de uma expressão referencial que retomava sem muito esforço de compreensão esse objeto de discurso. Vejamos agora os exemplos abaixo.

Texto III:

Irmã Z.

Flagrei minha vizinha Jaciara macumbeira roubando goiaba no meu quintal, já estava farta dessa *demônia* furtando minhas frutas ungidas.

Bem na hora que ela tava enchendo o balde, fui lá e dei uma vuadora gospel de dois pé na *cara da quenga*. Quando noé colocou os animais na arca esqueceu *essa piranha* na minha rua. Misericórdia!

Texto IV:

Irmã Z.

A piriguete tranca todas as fotos do instagram, mas não tranca a *piriquita*. Só digo uma coisa. Deus tá vendo!

Note-se que, no **Texto III**, o referente Jaciara Macumbeira é recategorizado metaforicamente como “demônia” e como “piranha”, seguida da recategorização lexical “quenga”, que retoma o referente por meio de uma Anáfora Direta Correferencial. As recategorizações metafóricas “demônia” e “piranha” são precedidas de termo demonstrativo “dessa demônia” e “essa piranha”, também, licenciadas, respectivamente, pelas

metáforas: "SER HUMANO É UM ENTE IMAGINÁRIO" e "SER HUMANO É UM ANIMAL IRRACIONAL". Já no **Texto IV**, ao contrário do que ocorre no **Texto III**, não temos o referente homologado, mas o recuperamos por pistas fornecidas pelo cotexto. A expressão referencial seguida de definido "a piriquita" recategoriza o referente não materializado "órgão genital".

Os exemplos seguintes **Texto V** e **Texto VI** muito nos chamam atenção: o primeiro pelo fato de evidenciarmos primeiro a expressão recategorizadora e só depois o referente aparece explícito; e o segundo, por não termos um referente específico, muito menos uma expressão que recategoriza lexicalmente o referente, vejamos:

Texto V:

Irmã Z.

Fui depilar *minha gruta* e vi que a gillete tava quebrada, é satanás querendo que eu fique com meu órgão reprodutivo cabeludo. Tá amarrado!!

Texto VI:

Márcio V.

Vejo algumas pessoas na rua e fico me perguntando é esse aí o *espermatozoide vencedor*? Queimaaa Jeová!!

No **Texto V**, temos primeiramente a recategorização metafórica do referente "órgão genital" como "gruta" e só depois esse referente aparece na materialidade textual. Tal exemplo enquadra-se perfeitamente com a posição desenvolvida por Lima (2009) ao entender a recategorização como um processo não necessariamente linear, "estando a sua configuração mais propícia a um movimento de circularidade que passa tanto pela superfície do texto quanto pelo seu entorno sociocognitivo" (FELTES; LIMA, 2013, p. 37). Se considerarmos a expressão referencial "minha gruta" como uma introdução referencial e não como uma recategorização do referente "órgão genital" estaríamos nos desvinculando dos aspectos cognitivos inerentes ao fenômeno (LIMA, 2009), assumindo tal posição ficaríamos preso em uma abordagem textual-discursiva (APOTHÉLOZ; REICHLER-BÉGUE-LIN, 1995), ao passo que, como já comprovamos o fenômeno da recategorização vai além de uma retomada de itens lexicais, fazendo-se necessário uma abordagem cognitivo-discursiva, visando um maior poder explanatório.

Já no **Texto VI** não temos um referente específico. A postagem faz menção às pessoas feias e só reconhecemos por meio da expressão seguida de termo definido "o espermatozoide vencedor". Tal expressão tanto recategoriza como também funciona como gatilho para o humor. O cômico se dá exatamente por entendermos que na reprodução humana, apenas um espermatozoide consegue fecundar o óvulo e esse é tido como "vencedor", por driblar seus companheiros, daí a ideia de que esse deve ser bonito, forte, robusto e não "feio" como nos retrata a postagem.

Por meio da análise empreendida, detectamos que o fenômeno da recategorização se abordado numa concepção textual-discursiva não alcança um nível considerável de análise, fazendo-se necessário recorrer aos postulados da linguística cognitiva, só assim, passamos a compreender o fenômeno numa visão holística.

5. Considerações finais

Neste artigo, propusemos a análise de ocorrência de recategorização com o objetivo de verificar a hipótese de que esse fenômeno perpassa não somente uma concepção textual, mas para que se possa compreender todas as faces desse poliedro é de extrema importância um intercâmbio entre a linguística textual e a linguística cognitiva (LIMA, 2009). Dessa forma, os resultados apresentados demonstram que uma abordagem cognitivo-discursiva das recategorizações metafóricas nas postagens do facebook é muito mais produtiva do que uma abordagem restrita somente ao âmbito da superfície textual (LIMA, 2003).

Nesse entorno, chamamos particular atenção, como apresentado na análise do corpus, que a interface entre as duas áreas nos permite uma descrição dos referentes que não estão materializados no cotexto, porém pistas fornecidas na superfície do texto nos auxiliam para a evocação desses referentes. Por esse ângulo, concordamos com Feltes e Lima (2013), ao destacarem que a construção de referentes e, por conseguinte, a própria construção de sentidos, é um processo que perpassa múltiplas âncoras.

Por fim, destacamos que embora intentamos descrever como se dá fenômeno da recategorização nas postagens virtuais, há ainda muito o que se discutir sobre o mundo fascinante da recategorização, "levantamos nós, apenas, a ponta do véu" (LIMA, 2009, p. 195).

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

APOTHÉLOZ, D.; REICHLER-BÉGUELIN, M.-J. Construction de la référence et stratégies de désignation. In: BERRENDONNER, A.; REICHLER-BÉGUELIN, M.-J. (Eds.). *Du syntagme nominal aux objets-de-discours*: SN complexes, nominalizations, anaphores. Neuchâtel: Institute de Linguistique de l' Université de Neuchâtel, 1995. p. 227- 271.

CAVALCANTE, M. M. *Expressões indiciais em contextos de usos: por uma caracterização dos dêiticos discursivos*. 2000. Tese (Doutorado em Linguística). – Universidade Federal de Pernambuco, Recife.

_____. Expressões referenciais: uma proposta classificatória. *Cadernos de Estudos Linguísticos*. Campinas, v. 44, p. 105-118, 2003.

_____. O processo de recategorização sob diferentes parâmetros. In: CAVALCANTE, M. M; BRITO, M. A. (Orgs.). *Gêneros textuais e referenciação*. (CD-ROM.). Fortaleza: UFC/Protexto, 2004.

_____. *Os sentidos do texto*. 1. ed. São Paulo: Contexto, 2013.

CIULLA, A. *A referenciação anafórica e dêitica: com atenção especial para os dêiticos discursivos*. 2002. Dissertação (Mestrado em Linguística). – Universidade Federal do Ceará, Fortaleza.

FELTES, H. P. M; LIMA, S. M. C. A construção de referentes no texto/discurso: um processo de múltiplas âncoras. In: LIMA, S. M. C; CAVALCANTE, M. M. (Orgs.). *Referenciação: teoria e prática*. São Paulo: Cortez, 2013, p. 30-58.

LIMA, S. M. C. *Recategorização metafórica e humor: trabalhando a construção de sentidos*. 2003. Dissertação (Mestrado em Linguística). – Universidade Federal do Ceará, Fortaleza.

_____. *Entre os domínios da metáfora e metonímia: um estudo de processos de recategorização*. 2009. Tese (Doutorado em Linguística). – Centro de Humanidades, Universidade Federal do Ceará, Fortaleza.

_____. Recategorização e modelos cognitivos idealizados: uma proposta de interface. In: COSTA, C. S. M; LIMA, M. A. F. (Orgs.). *Nas trilhas da linguagem*. Teresina: UFPI, Rio de Janeiro: Booklink, 2011.

_____; CAVALCANTE, M. M. (Orgs.). *Referenciação: teoria e prática*. São Paulo: Cortez, 2013.

MONDADA, L.; DUBOIS, D. Construção dos objetos de discurso e categorização: uma abordagem dos processos de referenciação. Tradução Mônica Magalhães Cavalcante. In: CAVALCANTE, M. M.; BIASI-RODRIGUES, B.; CIULLA E SILVA, A. (Orgs.). *Referenciação*. São Paulo: Contexto, 2003, p. 17-52.

SILVA, F. O. *Formas e funções das introduções referenciais*. 2013. Tese (Doutorado em Linguística) – Centro de Humanidades, Universidade Federal do Ceará, Fortaleza.

TAVARES, D. P. F. de. *Processos de recategorização: uma proposta classificatória*. 2003. Dissertação (Mestrado em Linguística). – Universidade Federal do Ceará, Fortaleza.